

O menino do dedo verde: temática e simbologia

Ercília Macedo

Temática

O tema de época está nitidamente representado nessa obra do autor Maurice Druon (1957), uma vez que a personagem principal está presa às contingências sociológicas do mundo em que vivemos: desajustamento, agressividade, guerra, tecnologia e poluição. Estrutura-se na afiliação social com certa carga de ironia, quanto ao sistema de educação fixado e estabelecido pela sociedade a que serve, e propõe a filosofia de não-acomodação e de transformação da realidade.

Grande parte da temática está concentrada nas motivações antitéticas: mudanças x ideias pré-fabricados (convenções sociais) e flores x mal. “As pessoas grandes, como já disse, têm ideias preestabelecidas e nunca imaginam que possa existir outra coisa além daquilo que já sabem” (p. 81). “– Descobri uma coisa extraordinária – disse Tistu em voz baixa. – As flores não deixam o mal ir adiante”. (p. 62). “... fazer brotar flores dentro dos canhões perturbava profundamente a vida das pessoas grandes” (p. 123).

O livro, usando linguagem limpidamente poética, aborda assunto ou conteúdo sociológico e filosófico atualíssimo, como já foi dito, não sendo apenas pura ficção da literatura infantil. Renova-se, com ele, o milagre de Saint-Exupéry com *O Pequeno Príncipe* embora, Tistu tenha uma vidinha inteiramente sua e as proezas do seu dedo verde sejam inteiramente originais. E uma forte conotação bíblica é apresentada no decorrer do texto, desde a “predestinação” do menino até a transformação final: Foi batizado com o nome de João Batista, mas forças misteriosas fizeram com que o chamassem de Tistu. “... Quando a gente veio à terra com determinada missão, quando fomos encarregados de executar certa tarefa, as coisas já não são tão fáceis. As ideias pré-fabricados, que os outros manejam tão bem, recusam-se a ficar em nossa cabeça: entram por um ouvido e saem pelo outro, e vão quebrar-se no chão. Causamos assim muitas surpresas. Primeiro, aos nossos pais. Depois, a todas as outras pessoas grandes, tão apegadas às suas benditas ideias” (p. 6-7). Observe-se, agora, o Evangelho: “E aconteceu que, passados três dias, O acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. E todos os que O ouviam admiravam a Sua inteligência e respostas. E quando O viram, maravilharam-se, e disse-Lhe Sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que Teu pai e eu ansiosos Te procurávamos. E Ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (S. Lucas 2: 46-49). Pode, ainda, sobrepor-se um novo incidente de *O menino do dedo verde*: “O Dr. Milmales esperava Tistu atrás de sua grande mesa niquelada, repleta de livros. — Então, Tistu — perguntou ele — que foi que você aprendeu? Que sabe de medicina? — Aprendi — respondeu Tistu — que a medicina não pode quase nada contra um coração muito triste, Aprendi que para a gente sarar é preciso ter vontade de viver. Doutor, será que não existem pílulas de esperança? O Dr. Milmales ficou espantado com tanta sabedoria num garoto tão pequeno.” (p. 77).

A conotação bíblica do último capítulo revela-se através da alusão à escada cujos degraus Tistu escalaria até atingir uma grande nuvem que lhe lembraria os bigodes do falecido jardineiro, no alto firmamento. Evocando, então, a visão da escada de Jacó, cujo topo trocava nos céus e na qual os anjos

de Deus subiam e pela qual desciam. Ou, preferindo-se o Novo Testamento, aludir-se-ia à ascensão de Cristo tipificada por Enoque e por Elias, no Velho. Jesus prometeu aos discípulos o Consolador (Espírito Santo). E o menino:

“— Eu trarei uma estrelinha para você — disse Tistu para consolá-lo. — Até logo, Ginástico. — Adeus, disse o pônei.

Ele viu Tistu escalar os degraus e acompanhou a sua ascensão.

Tistu ia subindo no mesmo ritmo, leve e ligeiro. Dentro em pouco sua camisola de dormir parecia menor que um lenço. (...) E de repente ele entrou numa enorme nuvem, alva, sedosa, macia, onde já não enxergava mais nada" (p. 147 - 148).

A estruturação da narrativa é sem complexidade, num só episódio, desenvolvendo em equilíbrio até o 3º capítulo "no qual somos levados a conhecer Mirapólvora, assim como a fábrica do Sr. Papai". O primeiro desequilíbrio ocorre no 4º capítulo "no qual Tistu é mandado à escola, onde não fica". Experimentando-se um novo sistema de educação (olhando as coisas com os próprios olhos e no local — capítulo 5) "o sol se põe de novo a brilhar" e ele tem a primeira aula de jardinagem com Bigode (capítulo 6) — revelando "boas disposições" (talento oculto) e restaurando-se o equilíbrio. O polegar verde seria invisível, estaria sob a pele.

A técnica da argumentação é por diálogo, por quadros de costumes da época atual e por fluxos de consciência das personagens.

"... Atrás da grade preta viam-se outras grades pretas, e atrás da parede triste, outras paredes tristes. — Por que é que os pedreiros puseram essas horríveis pontas de ferro por toda parte? — perguntou Tistu.

— Para impedir que os prisioneiros fujam.

— Se esta cadeia não fosse tão feia. — disse Tistu — talvez eles tivessem menos vontade de fugir.

(...)

— Você devia saber que um prisioneiro é um homem mau.

— E colocar o prisioneiro aqui para curar sua maldade?

(...)

"Imagem!, pensou Tistu. Se o recreio deles é assim, o que não serão as horas de aula! Esta prisão é mesmo muito triste." (p. 46-47).

O desequilíbrio voltou com a ansiedade de Tistu, ou com o medo de ser descoberto o seu talento oculto (capítulo 9), devido à chegada de botânicos, jornalistas e fotógrafos em Mirapólvora, e perceberem sua primeira proeza de jardinagem realizada na cadeia local. "Tistu recuperou a antiga tranquilidade" (equilíbrio) com a retirada dos botânicos, no final do congresso que chegou a conclusões ocas enfeitadas de latim. O último desequilíbrio dá-se no capítulo 17, "no qual Tistu corajosamente denuncia a si próprio" e ofusca a Casa-que-Brilha pela desonra à fábrica de Mirapólvora ocorrida no capítulo anterior. Volta o equilíbrio final no capítulo 13, "no qual algumas pessoas grandes acabaram renunciando às suas ideias estabelecidas", transformando a fábrica de canhões em fábrica de flores, tendo Mirapólvora passado a chamar-se Miraflores e Tistu tornado, talvez, e menino mais célebre no mundo todo.

O narrador intervém na estória e sabe tudo, até o pensamento das personagens. Por vezes, assume um tom doutrinário:

“Sentia vontade de chorar, e não disse uma só palavra no caminho de volta. O Sr. Trovões interpretou esse silêncio como um bom sinal e pensou que sua lição de ordem começava a produzir frutos (... p. 47).

Na noite da lição de ordem ele teve um terrível pesadelo. É claro que sonho é sonho, e não devemos dar aos mesmos uma importância exagerada. Mas ninguém pode evitar os sonhos” (p.51).

O sentido de universalidade da obra se liga diretamente ao fato da ausência de tempo e de espaço reais. A intensidade e o tom do tema, segundo as etapas estruturais da obra, apresentam maior proporção de força nos capítulos 14, 15 e 16. Observe-se a repetição da palavra guerra,

(capítulo 14) utilizada como elemento de gradação numa sequência que levaria Tistu ao conceito da própria guerra, e à descoberta da espécie de flora para combatê-la, bem como o levaria à observação de que os valores não são tão rígidos, tão absolutos quanto parecem, principalmente pela contradição apresentada no capítulo 15, p. 105-07, que acaba com uma “vasta bofetada” do Sr. Trovões em Tistu.

Esse, Tistu, no último capítulo, é reconhecido como um anjo. Ascende ao céu para se encontrar com Bigode. E o maravilhoso cristão da estória se evidencia nos “milagres” protagonizados por ele. E, em função do bíblico e do social, há uma tensão real/suprarreal, humano/divino que leva à ruptura no sistema de regras, de ideias preestabelecidas pela sociedade e pessoas mais velhas. Afinal há transgressão da lei.

Partes da estrutura	Família (pais, filho, empregados)	Igreja (apenas menção à cerimônia do batismo)	Cidade	Negócio
Condutas e atitudes	Veneranda tradição, costumes cristalizados, afeto, preocupação	–	Reputação e prestígio internacionais Ordem, cooperação e obediência.	Competição, publicidade, cooperação, trabalho
Símbolos	Retrato do avô, bens móveis herdados, brilho, perfume	–	Canhões, chaminés, polegar verde, flores	Marcas registradas, patentes (de armas/flores)
Propriedades (equipamentos)	Imateriais: nome, reputação materiais: casa-que-brilha, utensílios, pertences.	–	Escolas, zoológicos edifícios, favelas, hospital, hotel, Câm. Municipal cadeia, Prefeitura	Fábrica, oficina, empresa, floricultura
Código	Genealogia	–	Leis regulamentos	Livro de conta, contratos, pedidos, circulares, notas

Estrutura das Instituições Sociais de Mirapólvora

Simbologia

A simbologia da cor verde está intimamente ligada à ideia central da obra e é integrante da mesma, no que se refere à reintrodução da esperança/renovação (reverdescimento, alegria) no universo agressivo, cinzento, poluído e enlutado, através de impressões digitais misteriosas e também na recondução das “sementes” que estão por toda parte, para a germinação do bem.

O menino do dedo verde (Tistu) é protagonista que dá título à obra e é personagem-símbolo da nãoacomodação e da transformação da realidade (“estou pensando que o mundo podia ser bem melhor do que é”).

“Tistu, vocês já sabem, era um menino corajoso. Abriu a porta, e colocou-se debaixo do lustre de cristal, no centro do tapete de guirlandas, defronte ao retrato do Sr. Avô. Tomou respiração, e disse:

– Fui eu que semeei flores nos canhões!

Em seguida, fechou os olhos, esperando o tapa” (p. 122).

O retrato do Sr. Avô, por sua vez, representa a veneranda tradição, o modelo, a sucessão, a continuidade, o determinismo:

“– Ninguém tinha a menor dúvida: Tistu ficaria com o lugar do Sr. Papai na direção da fábrica, como este sucederia ao Sr. Vovô, de rosto emoldurado por uma barba brilhante e a mão sempre pousada numa carreta de canhão, suspenso à parede da sala num retrato a óleo” (p. 20).

Os pais, geralmente, decidem a sorte do filho sem levar em conta a sua individualidade; raciocinam de acordo com suas próprias necessidades. Seus motivos pessoais, seu amor próprio insatisfeito intervêm na escolha de numa profissão para o filho, sem saber se ela convém ou não ao seu temperamento. Tal educação é apenas a síntese do egoísmo, pois não se consideram guias dos filhos, mas seus proprietários.

Era essa a posição do Sr. Papai e de Dona Mamãe quanto ao filho único Tistu:

“– O que me preocupa é tanto o destino de Tistu quanto o da fábrica – prosseguiu o Sr. Papai. – Nós tínhamos uma ideia quanto ao futuro do menino: imaginávamos que iria suceder-me na fábrica, como eu sucedera a meu pai. Ele tinha todo o seu caminho traçado, fortuna, consideração...” (p. 129).

O argumento usado por Dona Mamãe para persuadir o filho reflete bem o tipo de educação contra o qual o menino se insurgiria:

“Quando Tistu estava sem apetite, Dona Mamãe o levava à janela e mostrava de longe, bem no fundo do jardim, para lá do quiosque onde ficava o pônei Ginástico, a monumental fábrica do Sr. Papai. Dona Mamãe fazia Tistu contar as nove imensas chaminés que lançavam fogo ao mesmo tempo; em seguida, trazia-o de volta ao prato, dizendo:

Tome sua sopa, Tistu, porque você precisa crescer. Um dia você será o dono de Mirapólvora. Fabricar canhões é muito cansativo, e não há lugar para maricas em nossa família!” (...)

“E Tistu, que era um bom menino, se esforçava por engolir a sopa de tapioca” (p. 20).

Sabe-se que existem dificuldades e perigos na interpretação de símbolos, podendo-se incluir significados puramente impertinentes e pessoais. Tentemos sem maiores rodeios:

O menino que acabara de nascer parecia um grande pão no berço de vime (p.5). Era como o pão da vida que “veio à terra com determinada missão”. Sua família, porém, não era como a do Cristo. Morava na Casa-que-Brilha, cercada de beleza, riqueza, brilho, perfume e felicidade. Sua cidade, Mirapólvora, vivia do comércio de armas de guerra, sobretudo da fábrica do Sr. Papai. Incompatibilidade: o Sr. Papai era homem bom e era negociante de canhões: “Adorava seu filho e fabricava armas para levar à orfandade os filhos dos outros. Isso acontece mais do que se pensa” (p. 129).

A preocupação é uma figura tão forte que altera a natureza: pode ser uma esquisitice do menino (“não é como todo mundo”)... e se manifesta como o vento no meio das folhas, monta a cavalo na voz dos pássaros, desliza pelos fios da campainha. E o sol não se decide a levantar ou seus raios parecem embrumados. O céu permanece cinzento. A preocupação pode estar infiltrada na sirene da grande fábrica de Mirapólvora... e do mundo atual. Onde um novo sistema?

O jardineiro Bigode lembra Simeão, velho de Jerusalém, justo e temente a Deus, que esperava a consolação de Israel e que tinha o Espírito Santo e que “não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor”. “Agora, Senhor, despedes em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; pois já os meus olhos viram a Tua salvação” (São Lucas 2:29-30). “Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e por sinal que é contraditado” (Lucas 2:34).

Só um especialista como o jardineiro Bigode poderia descobrir o invisível, o talento oculto, em Tistu (o polegar verde. “– Verdadeiro dom do céu”), e, como Simeão, morreria ao “terminar sua tarefa” (p. 119), daí a alguns dias, “resolveria descansar para sempre” (p. 137), após Mirapólvora transformar-se em Miraflores.

O Sr. Trovões, de orelhas vermelhas, homem da ordem, simbolizaria a ira dos fariseus (seita judaica) insistentes no cumprimento rigoroso da lei e das tradições, mas se esqueciam do espírito da lei (São Marcos 7). Assim, o Sr. Trovões defendia o castigo (cadeia) e promovia a guerra, dissimulada em ordem, no cumprimento da lei.

Mirapólvora é para Tistu o que Babilônia era para os profetas do Antigo Testamento e o que Roma era para João no Apocalipse: o berço da vaidade, da ostentação e da impiedade do mundo. Babilônia dos Jardins Suspensos, umas das Sete Maravilhas do Mundo; Babilônia, o centro da sabedoria (congresso de botânicos, Dr. Milmales – em Mirapólvora), Babilônia famosa pelos produtos manufaturados e grande centro comercial, Babilônia de Nabucodonozor... E Mirapólvora do Sr. Trovões...

A escada de flores de Miraflores (ex-Mirapólvora) é para Tistu a Oitava Maravilha do Mundo e é por ela que ele encontrará o “seio” do Sr. Bigode “lá em cima”. Miraflores seria a Jerusalém, “habitação da paz”, centro espiritual do mundo, a cidade da maior influência sobre a esperança e o destino do gênero humano ou a nova Jerusalém celestial de que nos fala Apocalipse 21:9-27.

E o pônei Ginástico que tudo sabia e guardava silêncio? Animal de paz (= jumento), motivo por que Cristo entrou em Jerusalém montado em um deles.

O capítulo 15 é bastante significativo. Fala de guerra entre os Voulás e os Vaitimboras numa pequena mancha cor-de-rosa (pastilha) do globo terrestre que seria o deserto de ninguém. E por causa deste mesmo deserto, ou melhor, pelo que está debaixo dele, pelo petróleo, haverá sempre desentendimento, “porque o petróleo é indispensável numa guerra” (p. 103).

Os Voulás e os Vaitimboras em conflito neste deserto representariam os israelenses auxiliados pelos americanos e alguns países da Arábia, pelos russos no grande conflito do Oriente Médio:

“Os Voulás podem chamar em seu auxílio um grande país, e os Vaitimboras pedir a ajuda de outro.

E os dois grandes países em guerra” (p. 104).

“– Então esses canhões vão para os Voulás? – prosseguiu ele (Tistu).

– Só o da direita – gritou o Sr. Trovões – O outro é para os Vaitimboras.

– Como para os Vaitimboras?

Exclamou Tistu indignado.

– Porque eles também são bons fregueses (p. 106). Armados pelas mesmas potências que armam os Voulás? Perguntaríamos.

Como chamar à razão esses dois nacionalismos dramaticamente coincidentes – o nacionalismo judaico, mantido por vários séculos de matanças – e o nacionalismo árabe, em revolta, por vezes cega, contra o extremismo judeu, reivindicando território anterior a Cristo? Talvez somente pela atuação mágica do polegar verde de Tistu...

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA, 12 imp. Trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1957.

BOYER, Orlando, Pequena enciclopédia bíblica. 5. ed. São Paulo, Imprensa Metodista, 1971.

DANZIGER, Marlies K & JHONSON, W. Stacy. Introdução ao estudo crítico da literatura. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1974.

DRUON, Maurice. O menino do dedo verde; trad. de D. Marcos Barbosa/ilust. de Marie Louise Nery. 12. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

MARTIN, José Luís, Crítica estilística. Madrid, Gredos, 1972.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo, Cultrix, 1974.

SARTRE, Jean-Paul. (Prefácio). Dossier do conflito israelo-árabe. Porto, Editorial Inova, 1968.

STEKEL, Wilhelm. A educação dos pais. São Paulo, Mestre Jou, 1966.

TORRE, M. B. L. Della. O homem e a sociedade. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1973.

WELLEK, René & WARREN, Austin. Teoria da Literatura. 2. ed. Lisboa, Publicações Europa América, 1971.

Cinco de Março, hoje Diário da Manhã, Goiânia, 18 dez. 1978. p. 8.

Ercília Macedo-Eckel é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestre em Letras pela UFG.